



EDITORIAL

MAGNÍFICO EXEMPLO
DO «SÉCULO ILUSTRADO»

A carta que recebemos do Jornal «O Século» e que hoje transcrevemos no nosso Jornal veio dar-nos a maior satisfação. Por um lado, porque confirmou aquilo que a seu respeito pensávamos quando, ao referirmo-nos ao lamentável artigo do «Século Ilustrado» sobre Espinho, afirmávamos não termos a mais pequena dúvida de que os responsáveis do importante Jornal Diário eram totalmente alheios ao que nele se dizia. Por outro, porque esta carta veio mostrar e ensinar, ao admitir a crítica feita e ao reconhecer o desagrado que a reportagem criticada causou, como deve comportar-se a Imprensa séria e digna, aquela Imprensa que nós dissémos desejar, admirar e ser a única cuja existência concebemos. Bem haja o Jornal «O Século» pelo exemplo que deu, admitindo modestamente a censura como válida e reconhecendo a razão que nos assistia.

Mas o Jornal «O Século» quis ir e foi mais longe. Compreendendo os efeitos nocivos da primeira reportagem (?) que sobre Espinho fez o «Século Ilustrado», correspondendo ao pedido que lhe foi feito pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal, dando satisfação a um desejo íntimo de todos os espinhenses e mostrando desejar esclarecer cor-

rectamente os seus leitores, fez publicar no passado dia 21 numa nova reportagem sobre a cidade de Espinho.

Não diremos que se trata de uma reportagem objectiva, destinada a fornecer a quem não conheça Espinho os índices necessários à compreensão do fenómeno do seu crescimento, da sua vitalidade em todos os campos e das suas incontáveis potencialidades — capazes de justificar, sem o recurso aos simples quadros dos mínimos exigidos pelo Código Administrativo, a elevação da Vila de Espinho à categoria de Cidade. Mas destruiu-se a ideia expressa na primeira reportagem de se dizer mal de tudo, de se virar a verdade do avesso, de se fornecer dados absolutamente inexactos. Agora, no último número do «Século Ilustrado», distingue-se perfeitamente o propósito de fidelidade à verdade, dando-se de Espinho uma ideia aproximada, e, sobretudo, determinada por intuítos sérios.

Muito gratos ficamos ao «Século Ilustrado», felicitando-o pelo exemplo de compreensão e de dignidade profissional que a todos deu e felicitando os seus leitores pela lição que de tal exemplo podem colher.

AMADEU MORAIS

Ex.^{mo} Senhor
Director do Jornal
«DEFESA DE ESPINHO»
Rua 19 n.º 62 — ESPINHO

Exmo. Senhor,

Os meus melhores cumprimentos.

Tive conhecimento das reacções desfavoráveis à reportagem que publicámos sobre Espinho no nosso número de 30 de Junho último, através do jornal que V. Exa. dirige.

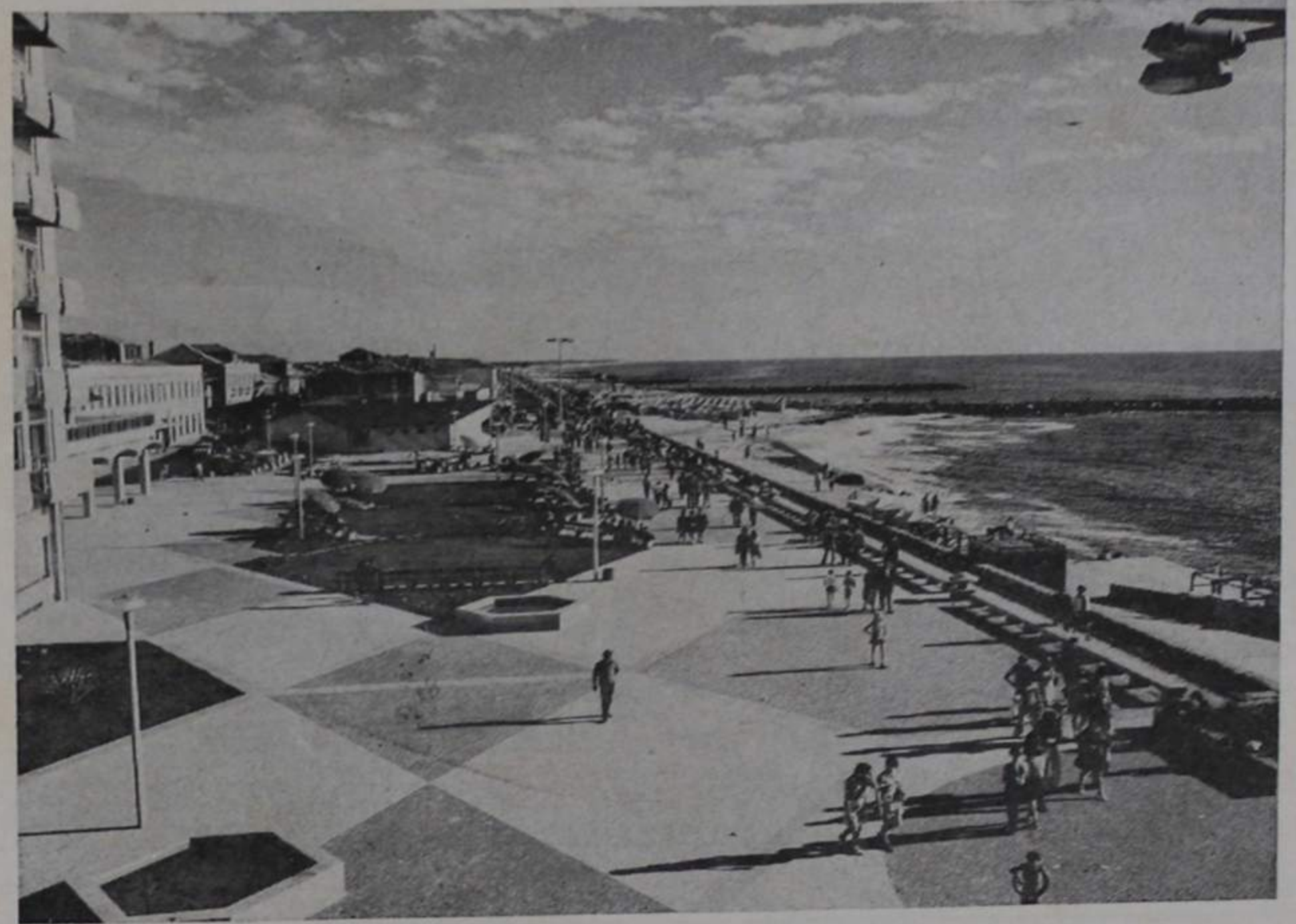
Sou o primeiro a lamentar o sucedido.

Creia V. Exa., no entanto, que foram as melhores as intenções que nos moveram — encomendámos o serviço a um colaborador residente no Porto, pois pensámos estar mais habilitado a abordar o tema e três das quatro fotos com que ilustrámos o trabalho tomámos a liberdade de as reproduzir da edição com que «DEFESA DE ESPINHO» se associou ao júbilo sentido pela elevação a cidade — não tendo sido de modo algum objectivo nosso ofender quem quer que fosse.

Asseguro-lhe que é preocupação constante de «O SÉCULO ILUSTRADO» informar objectivamente os seus leitores e lamento, uma vez mais, os equívocos que a nossa reportagem involuntariamente provocou.

Sem outro assunto, de momento, subscrevo-me com a maior consideração

Pel'O DIRECTOR
O Chefe da Redacção
(José Manuel Duarte Figueiredo)



Aspecto da nossa Esplanada, pondo em evidência o «ar feliz» da solução urbanística e solicitando a urgência do seu prolongamento para sul, alargando e valorizando a nossa zona verde à beira-mar plantada!

FIM DE SEMANA . 9

*Era eu inda pequenina,
era eu inda pequenina,
acabada de nascer...
Inda mal abria os olhos,
inda mal abria os olhos,
já era para te ver...*

A melopeia dorida escorria no começo da noite pela rua 19, e diluía-se pelas redondezas.

Estava-se por volta de 1931-32, do meu sétimo ano do Liceu.

Então Espinho era a rua 19; no Verão era também o poente do caminho-de-ferro, e às segundas-feiras era o Largo da Feira.

Do Cine Jardim vinha-nos aquela melopeia, chorada pelo altofalante empoleirado ao cimo da bilheteira, próximo à rua 16, anunciando a sessão cinematográfica, nos dias em que a havia.

Era pobre o reportório de discos, mas a melodia mais repetida, insistente, era aquela, tão teimosa que não me saiu mais de mim e ficou a marcar uma época da minha vida, como o símbolo e síntese dos 17 anos. Só houve uma excepção nas preferências musicais daquela propaganda — foi quando exibiu um êxito, salvo erro chamado «O Rei Vagabundo», porque então a banda sonora do filme impava rua abaixo, rua acima.

Naquela rua 19 se consumia a minha, a nossa vida. A nossa, a dos quatro que formávamos o grupo; além de mim, o Belmiro, o Moreira Baptista e o Fernando Cardoso, que, embora da Aguda, no regresso do Liceu se esquecia sempre de descer ao apeadeiro e vinha parar connosco a Espinho queimar o resto da tarde, e que, nas tardes sem aula aqui esfiapava o tempo, como ainda hoje, avô e reformado, faz, sempre que pode.

Espinho era a rua 19, e a vida era nossa. Dos quatro. Lá íamos de manhã no comboio para o Porto, cedinho, para o Alexandre Herculano, inda de noite no Inverno; a estação era exactamente como é hoje, excepto o abrigo do lado nascente, que era um coberto em madeira (e dizem as más línguas que a C.P. em nada tem melhorado as insta-

lações...); os comboios então eram pontuais e nunca nos fizeram faltar a uma aula, diligentes em permitir-nos cumprir as obrigações escolares; até essa pontualidade dos comboios da C.P. nos traz saudades desse tempo.

Espinho não tinha segredos para nós: o do rio Largo ao Bairro Piscatório, de Anta ao Mar, ela era nossa. rapazes vadios. Havia o Chinês para as cartas, de gente solene e madura, onde nós rapazolas não entrávamos; havia o Gil para o pingue-pongue, havia tudo, havia sobretudo os nossos dezassete anos.

E havia também os olhos negros entre duas tranças; não sei já quem era a dona deles, nem lhe fixo o rosto; recordo apenas os olhos negros na moldura das negras tranças, os primeiros que fizeram sonhar o rapaz, e que diariamente esperava até os ver passar na rua 19, apenas ver, platonicamente, sem os olhar de frente, temeroso de, olhando-os, os perder.

Dos quatro que é feito? Rumos diversos que tomaram e nos afastaram na vida; próximo só o Fernando; os mais dispersos ou perdidos como tudo o que foi desse tempo, os devaneios dos dezassete anos, o mundo que era nosso, a Espinho provinciana, mas amiga, aconchegada, familiar, benevolente para as nossas tropelias, tudo, até os olhos negros das tranças longas.

Que ficou desse Espinho, praia de banhos, que envolvia o sonho dos quatro e aqueles meus olhos negros, desse Espinho que explodiu num imparável crescimento? Que ficou desse Espinho que se perdia em nós, quando hoje nos perdemos nele como os quatro companheiros e os olhos negros nos perdemos na vida?

Ficou apenas aquele qualquer coisa indefinível que o caracteriza e individualiza, lhe dá encanto e personalidade, e a vontade irresistível de ser maior; no mais, a Espinho, praia de banhos, rua 19, a da menina dos olhos negros, perdêmo-la: essa Espinho realidade de 1932 é hoje uma Espinho saudade.

VASCO LUIS

GAZETILHA

CACHAROLETE

Como é que se há-de fazer
A Vida um brinde em beleza,
Se só nos dão a beber
Pirolitos... de tristeza?!
Vinho capitoso e forte,
Quem é que nos vai servir?
Mas não é caso de morte...
E o melhor remédio — é rir!
Vou, pois, cerzir certas notas,
P'ra vos contar anedotas:

Desprotegido da sorte
Pedia a Deus, em seus ais,
Que lhe desse doce morte.
Deus fez-lhe a vontade um dia:
Por comer doce de mais...
Morreu na pastelaria.

Todo dado a cortesias,
Diz o carrasco, ao chegar
Um preso para enforcar:
— «Deus lhe dê muito bons dias!»

Um sujeito fanfarrão
Contava que, certa vez,
Sem levar armas na mão,
Sózinho, fez correr três!
Há verdade no entremez;
Foi a defender a pele
Que fugiu a sete pés,
De três... que iam atrás dele!

Joana, em grave emergência,
Promete a Fátima ir,
Descalça, por penitência.
Nunca faltou, se promete:
Lá foi seu voto cumprir,
Descalça... na camionete!

Estava o nosso Pai Adão
Junto à árvore da Ciência...
E foi d'Eva a sugestão:
Comeram maçãs à bruta!
— Foi assim que abriu fálencia
O seu negócio de fruta!

Há quem busque, deligente,
Uma equipa dirigente
Que sirva o Clube... de graça;
Encontra a massa indiférente,
Que o que pensa é que, de graça,
Só por graça... ou por desgraça!

— «P'ra tanto verso escrever,
Que faz Você? Diga, em suma,
A que fontes vai beber?»
Responde o Poeta: «— Pois... nada,
Não bebo em fonte nenhuma...
Tenho em casa água encanada!»

ALBERTO BARBOSA (BEKA)

cinema

EXIBE-SE HOJE NUM DOS NOSSOS CINEMAS, O FILME
«FIM DE SEMANA ALUCINANTE», CONSIDERADO COMO UMA
OBRA A NÃO PERDER E QUE RECOMENDAMOS AOS NOSSOS
LEITORES.

Pedimos licença para transcrever o comentário crítico que lhe foi dedicado no «Diário de Lisboa» por LAURO ANTONIO:

Num fim-de-semana como qualquer outro, quatro americanos médios resolvem descer, de canoa, um rio numa região selvagem do interior dos E.U.A. ameaçada pelas obras de uma empresa eléctrica, que irá cortar o curso do rio e transformá-lo num vasto lago. Quatro americanos médios, em dois carros, de canoas nos tejadilhos, chegam ao ponto de partida. A região é miserável, os seus poucos habitantes acusam «deficiências genéticas» indistiguíveis, os olhos alongados, que relembram orientais, o corpo ressequido, a pele dilacerada, o cérebro atingido. Os quatro americanos médios percebem desde logo que se encontram fora da civilização, que a sua aventura desse fim-de-semana principiou. *Porque é que se vão meter com o rio?*, pergunta um dos autóctones. *Porque o rio está lá!*, responde Lewis, o «leader» da expedição. *No fim, gostariam certamente que ele não estivesse lá.* Lewis, da estatura de um chefe, demagogo, «*jugando-se Tarzan*», procura, nesta ventura o contacto perdido com a Natureza, da mesma forma que tenta ressuscitar o espírito dos primitivos exploradores. «*Os primeiros exploradores viram o rio tal como nós o vimos hoje*», ou «*Nunca se vence um rio. Muito menos este*». Numa civilização que tudo procura controlar, o americano médio sente-se diariamente uma pequena peça de uma engrenagem. Um sistema que o ultrapassa. Esta aventura será uma forma de pôr à prova capacidades físicas e «virtudes», tais como poder de decisão, coragem, destreza... Potencialidades que a vida diária de uma grande metrópole condiciona e reprime. «*Na nossa civilização, as máquinas vão falhar. Só quem souber é que consegue sobreviver!*», explica-se Lewis, ao que lhe perguntam: «*E tu, não sabes esperar por esse momento?*». Para além disto, a má consciência de quem se vende à engrenagem. «*A natureza? vendemo-la ao sistema*».

Mas, se Lewis (Burt Reynolds) é essencialmente o chefe a quem todos se dirigem nos momentos decisivos, os restantes elementos desta expedição caracterizam-se de forma brilhante. Ed (Jon Voight), acompanha Lewis nas

suas aventuras de fim-de-semana para fugir «*aos pequeninos problemas de Atianta*». Aqui, sente-se participar de emoções que o quotidiano não lhe oferece. Indeciso, receoso, incapaz de disparar uma flecha e com ela atingir um animal, é um indivíduo que perde facilmente, como aliás o reconhece, o «*contrôle*». Será ele, porém, quem tomará (ou será obrigado a tomar) as grandes decisões: primeiramente desempatando uma votação, depois conduzindo a expedição, a partir do momento em que Lewis se encontra ferido e incapacitado. Bobby (Ned Beatty), por seu turno, e a ousadia inconsciente, a tagarelice de um vendedor, o típico americano em confronto com gente desconhecida. Quando frente «*às deficiências genéticas*» dos habitantes da região, resolve o problema, ofertando «*um dólar*», para logo adiante desconfiar dos condutores que hão-de levar os carros até à foz do rio. Será ainda ele o que mais fortemente se pronunciará em favor dos «*deficientes genéticos*», mas será ele também aquele que menos perdoará o atentado que sofreu e que maculou para todo o sempre a sua masculinidade.

Finalmente, Drew (Ronny Cox), o último dos «aventureiros», é o único que consegue estabelecer diálogo com os miseráveis habitantes daquela região do interior dos EUA, numa notável sequência de dueto, de guitarra e bandleim (dueto que irá prolongar-se, em fundo musical, ao longo de todo o filme, definindo e comentando situações). Drew é o democrata que acredita na Democracia, no sistema e nas votações (viciadas pela demagogia dos «leaders», aqui Lewis), é o liberal que luta pela justiça, pelas leis, pela verdade. Idealista, num mundo de violência e crueldade, será a primeira vítima.

Teremos, portanto, primeiramente um argumento denso e extremamente bem delineado, com um retrato de figuras impecável. Um universo de violências, onde homens de dois mundos se chocam com fragor numa coexistência julgada possível, mas impossível numa idade em que se perdeu já a inocência. «*Western*» dos tempos modernos, com os heróis desenhados da paisagem que violam, *Delivrance* é ainda uma obra com uma leitura subjacente extremamente clara, ainda que não totalmente expressa. Fábula provável sobre a intervenção americana, em terras

DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR

ANTÓNIO GAIO

REDACÇÃO

ARMÉNIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
CARLOS SARRIA
JOÃO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA
DE PUBLICIDADE
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA SEQUEIRA
RUA JOSÉ FALCÃO, 122
PORTO

E, OLÉ! NOVIDADES DA TAUROMAQUIA

SEMANA TAUROMAQUIA-73

INAUGURAÇÃO DA SEDE DO GRUPO
TAUROMAQUICO DE ESPINHO

Com as presenças do Governador Civil de Aveiro, Presidente, Vice-Presidente e Vereação do Município de Espinho e outras entidades oficiais, críticos tauromáquicos, e surpreendente presença de aficionados que encheram por completo o Salão Nobre e corredores anexos, foi inaugurada no passado dia 21 a sede do Grupo Tauromáquico de Espinho.

Depois de visitadas as instalações da sede, (Bar, duas salas de convívio, secretaria, biblioteca e sala de reuniões), e assinado o Livro de Honra, teve início no Salão Nobre uma sessão solene.

Usou da palavra em primeiro lugar o sócio n.º 1 daquela colectividade e Presidente da Comissão Organizadora o conhecido aficionado Sr. José Barata Ribeiro.

Depois de saudar todos os presentes, fez breve historial do G.T.E., sua justificação na cidade de Espinho como terra mais aficionada à «Festa Brava» do norte do país.

Agradeceu a colaboração dada por todos os elementos da Comissão Organizadora que tão entusiasticamente têm vivido a constituição deste Grupo, assim como o apoio e carinho que tem sido alvo por parte do Governador Civil de Aveiro, Presidente da Câmara de Espinho e Arq. Jerónimo Reis.

A encerrar o seu discurso solicitou à Senhora D. Glória Díez dos Santos, viúva de Manuel dos Santos, o descerramento do quadro a óleo que perpetuará a memória de seu marido nesta colectividade.

Seguiu-se momento alto nesta cerimónia, quando em breve improviso o filho de Manuel dos Santos em nome de sua mãe e em seu próprio agradeceu a homenagem que acabara de ser prestada a seu pai. Momento este em que vimos lágrimas aflorar aos olhos de muitos dos presentes.

Usou a seguir da palavra o Sr. Dr. Manuel Nunes dos Santos na qualidade de Presidente do Município e de futuro Presidente da Assembleia Geral do G.T.E.

Congratulou-se pela criação desta colectividade na cidade de Espinho elogiando o entusiasmo e actividade da sua Comissão Organizadora, prometendo continuar a prestar todo o seu apoio e colaboração pela causa que representa.

A encerrar esta sessão solene o Governador Civil de Aveiro expressou a sua maior satisfação por ser sócio fundador do G.T.E., louvando a Comissão Organizadora pela sua iniciativa não só em favor da «Festa Brava» no norte do país, como também na promoção turística da cidade de Espinho.

Para o Grupo Tauromáquico de Espinho fez votos dos maiores sucessos.

PALESTRA NO HOTEL PRAIA-GCLFE

Na sala de conferências do Hotel Praia-golfe realizou-se pelas 18 h. do passado dia 21 uma palestra pelo distinto jornalista, crítico e Homem de Rádio, Sr. Leopoldo Nunes.

Tema — A Festa de Toiros e o Turismo. O conferente, depois de saudar as entidades oficiais e felicitar a Comissão Organizadora do Grupo Tauromáquico de Espinho, agradeceu as saudações que lhe dirigira o Sr. Dr. Salles Gomes, em nome daquela Comissão. Manifestou o prazer que sentia em aceder ao convite para proferir aquela palestra, e imediatamente entrou na primeira parte do tema.

Fez larga e documentada exposição sobre a evolução do toureiro a cavalo. Condenou a época do minitouro, que só serviu para enganar os públicos e ofender o prestígio do toureiro.

Na segunda parte da sua oração, Leopoldo Nunes considerou o Turismo como a maior fonte de receitas de muitas nações entre as quais a nossa.

estranhas, unicamente por espírito de aventura, «*porque o rio está lá*». O «rio» com a sua vegetação exuberante, com o seu verde impenetrável, com habitantes carcomidos pelo tempo, «*deficientes genéticos*» que se movem de casa às costas, perante as explosões do «progresso» (sob a forma de companhia de electricidade). Não será possível descobrir um Vietname por detrás destas aparências? Não será provável o paralelo que se estabelece entre o americano que oferece dólares, perante a pobreza, que olha com profunda comiserção, pobreza que já não aceita, nem perdoa quando, pelas mesmas causas, o atinge fisicamente?

John Boorman, que dirigira *A queima Roupas*, *Duelo no Pacífico* e *Leo, The*

Falando de Espinho considerou que as estruturas turísticas da antiga Vila - Praia não servem para a nova cidade, mas acreditava que, num futuro breve, Espinho se tornasse num centro magnífico de Turismo, porque na cidade existe um núcleo de homens empreendedores e decididos, e porque são extraordinárias as potencialidades da zona.

A construção da praça de toiros e a fundação do Grupo Tauromáquico de Espinho, além de outras iniciativas úteis e de projectos já revelados, mostraram a inteligência, a capacidade e a devoção desses homens.

«TOURADA»

Integrada na Semana Tauromáquica-73 realizou-se no passado domingo na Praça de Toiros Solverde mais uma «tourada» que registou grande presença de público, enchendo quase por completo aquela praça.

Minutos antes do seu início foi descerrada uma lápide de homenagem do Grupo Tauromáquico de Espinho à memória de Manuel dos Santos.

Usou da palavra o Sr. Manuel Oliveira Violas, futuro Presidente do Conselho Fiscal do G.T.E. que em breve discurso recordou Manuel dos Santos como grande impulsionador da construção daquela Praça, como empresário, como ganhador, como toureiro e como homem.

Descerrada a placa por D. Glória Díez dos Santos e seu filho em momento de grande comoção de todos os presentes, deu-se início à «tourada».

UMA «TOURADA» SEM HISTÓRIA

TOIROS

Curro «pesado» com boa apresentação, mas de mansos, com excepção para o quinto e sexto toiros.

CAVALEIROS

Manuel Conde — No seu primeiro toiro, que brindou ao Grupo Tauromáquico de Espinho, não teve inimigo capaz que só a muito custo conseguiu cumprir.

Feliz no seu segundo, farpeou-o embora distanciando e a velocidade demasiada. Não compreendemos o seu convite ao gandeiro dar volta ao redondel.

Luís Miguel — Coube o segundo toiro da «tourada», que não se prestava a lide por ser manso de solenidade. É a segunda parte foi mais feliz na cravagem dos seus ferros compridos e na preparação cuidada dos seus curtos que entusiasmarão a assistência.

ESPADAS

De Fernando dos Santos e Oscar Romano pouco ou nada há a dizer. Os toiros que lhes couberam eram grandes, broncos e difíceis. A falta de varas foi notável.

Estiveram diligentes, principalmente Fernando dos Santos no seu último, para quem o público pediu música que não foi concedida.

FORCADOS

Na presença das dificuldades que os toiros ofereciam para a execução das pegas, o Grupo de Montemor sofreu dissabores de alguma gravidade. Notável a pegada levada a cabo no segundo toiro da tarde pelo forcado Baltazar de Matos que consideramos momento mais culminante do espectáculo.

RESUMO

«TOURADA» para esquecer.

Q. T. E.

Last, consegue com *Delivrance* o seu filme mais importante e uma obra de uma brutalidade invulgar. A reconstituição é de um realismo impressionante, não só na violenta crueldade de algumas cenas, como em todas as sequências (que constituem noventa por cento do filme) que têm o rio como pano de fundo, sequências filmadas quase sem artificios de trucagem. Notável é a direcção dos actores.

Do cinema americano (que contra o que muito boa gente quer decretar, parece atravessar um dos seus períodos mais fecundos e lúcidos, temos, portanto, uma nova obra a não perder. Aqui fica o recado.

notícias da cidade

PARAMOS VISITADA PELO GOVERNADOR CIVIL DE AVEIRO

O Dr. Francisco Valle Guimarães visitou no último sábado a progressiva freguesia de Paramos onde inaugurou o moderno edifício da Banda União Musical Paramense e visitou cerca de oito quilómetros de arruamentos mandados beneficiar pela dinâmica Junta de Freguesia a que preside Augusto Gomes da Silva.

A chegada, o ilustre visitante, acompanhado pelo Conselheiro Albino dos Reis, era aguardado pelos Presidente e Vice-Presidente da Câmara Municipal de Espinho, respectivamente Dr. Nunes dos Santos e Manuel Violas; Vereação espinhense, Junta de Freguesia, entidades concelhias e ainda muitos paramenses.

Depois de percorrer os novos arruamentos e de se inteirar detalhadamente dos projectos de valorização que estão em curso, o Dr. Valle Guimarães e demais autoridades dirigiram-se ao novo edifício da Banda Musical onde se realizou uma sessão de boas-vindas.

Depois de descerrar placas comemorativas do evento, foram ainda descerradas fotografias do Governador Civil, Presidente da Câmara, Arq.º Jerónimo Reis e do sócio Manue Valente.

Deu as boas-vindas o padre Saúl e de seguida o Presidente da Junta expôs pormenorizadamente a obra feita e os anseios da freguesia.

O Dr. Nunes dos Santos usou da palavra seguidamente para se congratular com a acção válida que a Junta de Freguesia tem desenvolvido durante o seu mandato.

Encerrou a sessão o Governador Civil, demonstrando quanto era grato para o seu distrito contar com homens que, com sacrifícios enormes sabem cumprir, devotadamente, as funções em que estão investidos. O Governador Civil, disse, atento como lhe compete, sabe ajudar os que dão provas de bem servir.

Realizou-se, depois, no Restaurante do Aero-Clube da Costa Verde, um jantar de convívio com cerca de centena e meia de paramenses. Aos brindes falaram o Arq.º Jerónimo Reis e Conselheiro Albino dos Reis que enalteciram a obra e os propósitos dos paramenses.

Paramos, uma freguesia decididamente progressiva e ciente das suas possibilidades potenciais, marcou, indelévelmente, mais uma certeza de valorização para o concelho de Espinho e para o Distrito de Aveiro.

HIPISMO - O CONCURSO DE ESPINHO NA TV

Prosseguem hoje as provas integradas no Concurso Hípico de Espinho, certame que termina amanhã à tarde, sendo alvo da transmissão directa pela TV, conforme já noticiámos.

FURTO DE MOTORIZADA

— Em 22 de Julho de 1973, nesta cidade, foi detido pela P.S.P., Américo Teixeira Ribeiro, residente na Rua 18, n.º 1204, por furto de uma motorizada. Foi remetido ao tribunal.

«D.E.» Saúda os Espinhenses da Venezuela

Não há dúvida que temos conterrâneos espalhados pelos cinco cantos do mundo e, na pátria de Simon Bolívar, existe um núcleo grande de espinhenses-naturais e espinhenses-adoptivos, estes arriados à nossa terra por laços criados por cá haverem vivido.

Na Venezuela, a nossa colónia exultou com o facto de Espinho ter passado a Cidade, e vivendo o acontecimento com a incidência de quem está longe e sente a nostalgia do seu rincão, como o fervilhar do bairrismo, mais acendrado pela distância que os separa da cidade natal. Quer festejar o momento histórico e, assim, convidou, para representar Espinho nesse evento, um dos vultos mais destacados da nossa terra o Arq. JERÓNIMO REIS, cuja folha de bons serviços de espinhense ilustre dispensa quaisquer palavras, tão grande e valiosa ela é.

Uma escolha acertadamente feliz e, quando o Arq.º Jerónimo Reis se apresta para, nos primeiros dias de Agosto, ir levar o abraço de Espinho aos espinhenses, naturais e adoptivos, que se radicam e labutam em terras da Venezuela, «Defesa de Espinho» saúda efusivamente aqueles nossos conterrâneos, e espinhenses pelo coração, fazendo veementes votos para que a festa vareira, em terras de Simon Bolívar, se rodeie do maior calor humano e seja a confraternização bairrista capaz de traduzir a alegria sentida por quem, tão longe, viveu a elevação de Espinho a Cidade, com a saudade do rincão natal a causar-lhe dupla emoção.

DO HOSPITAL

Movimento de 17 a 23 de Julho

Doentes internados — 39.
Bebés anscidos — 15.

Intervenções cirúrgicas:

Obstetria, 1; Cirurgia, 16; Oftalmologia, 2; Urologia, 4.

Exames Radiográficos:

Serviço de Urgência: Atendidos 177 homens e 169 mulheres.

Foram internados entre outros:

D. Alda Branca C. Alves da Silva, esposa do Senhor Coronel Alves da Silva, de Espinho, para Ortopedia; D. Ana Maria Campos Gomes Castro, da Rua 43, para Obstetria; Menino José Guilherme Marques Ribeiro, de Espinho, para Cirurgia; D. Maria Celeste dos Santos da Conceição, de Santa Maria de Lamas, para Obstetria.

CIVIL AIR PATROL

Desde quarta-feira que se encontram nesta cidade os cadetes da Civil Air Patrol, acompanhados pelos srs. Moita Pereira e José Pereira da D.G.A.C.

A comitiva que se encontra em visita ao norte do país tem sido acompanhada por membros do Aero Clube da Costa Verde, que organizou o programa.

A meio da tarde de hoje vão para o Algarve num avião da Direcção Geral da Aeronáutica Civil.

CENA DE TIROS

— Em 23 de Julho de 1973, na feira semanal, os comerciantes «denominados ciganos» travaram-se de razões e dispararam alguns tiros com armas de fogo. Não houve feridos. A P.S.P. compareceu no local e registou a ocorrência, apreendendo uma daquelas armas.

NOTÍCIAS PESSOAIS

DE VISITA

Na semana finda, estiveram nesta cidade, de visita a seus familiares, os nossos assinantes: Alexandre Godinho, de S. João do Estoril e Joaquim do Nascimento, do Barreiro.

— × —
Vindo do Brasil, está entre nós, para uma visita a seus Pais, o Sr. Hernâni Veiga Domingues. Boas férias.

— × —
ALBERTO MÁRIO BAPTISTA SOARES

Em sua casa, encontra-se doente, tendo sentido melhoras, depois da crise que o acometeu.

Os nossos votos de melhoras.

FALECIMENTO NO BRASIL

No passado dia 11 de Julho, faleceu em Guanabara, sendo sepultado no cemitério de S. João Baptista, o nosso assinante Joaquim Alves d'Oliveira e Silva, que contava 80 anos e era natural de Silvalde. A sua esposa Rosa Alves de Oliveira e Silva e filhos, os nossos sentimentos.

OURO FORA DA LEI

— Em 20 de Julho de 1973, foi detida pela P.S.P. desta Cidade, Maria da Glória Pimenta, residente na Rua dos Polacos, n.º 270 — Vila Nova de Gaia, quando em estabelecimento de ourivesaria pretendia transaccionar objectos de ouro furtados em estabelecimento do género no concelho da sua residência. Foi remetida a tribunal com o produto do furto que lhe foi apreendido.

AFRIKA CIRCUS

Estreou-se nesta cidade, na passada 3.ª-feira, num terreno perto da Igreja Matriz, esta companhia que apresenta todo o encanto do mundo do circo com palhaços, acrobatas, ilusionistas, etc.

INICIATIVAS EDITORIAIS

Acaba de sair o 8.º fascículo do Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária, dirigido por João José Cochofel, que os editores (Iniciativas Editoriais) consideram uma obra tão importante e do mesmo nível que o Dicionário de História de Portugal que Joel Serrão dirigiu e foi também publicado pela referida editora.

Entre os vários artigos inseridos nesse 8.º fascículo do Dicionário da Literatura destacamos: *Antigos e Modernos*, por Jorge de Sena; *Antiguidade*, por Maria Helena Rocha Pereira; e *Apócrifo*, por Luís de Sousa Rebelo.

Agenda

FARMACIA DE SERVIÇO

HOJE E AMANHÃ — FARMACIA PAIVA — RUA 19 — TELEF. 920250.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 28 — *Fim de semana alucinante*, com Burt Reynolds e Jon Voight — 18 anos.

Amanhã, domingo, 29 — *Fogo cruzado*, com Robert Shaw e Stella Stevens — 18 anos.

Terça-feira, 31 — *Profissão assassino*, com Van Johnson e Susan Oliver — 14 anos.

Quarta-feira, 1 — *O estranho caso do Inspector Max*, com Romy Schneider e Michel Piccoli — 18 anos.

Quinta-feira, 2 — *Quando as mulheres querem*, com Steve Lawrence e Jacqueline Bisset — 18 anos.

Sexta-feira, 3 — *O falhado amoroso*, com Zero Mostel e Lee Meredith — 14 anos.

CASINO

Hoje, sábado, 28 — *Sansão e Dalila*, com Victor Mature e Hedy Lamarr — 10 anos.

Amanhã, domingo, 29 — *Os noivos da revolução*, com Jean Paul Belmondo e Marlène Jobert — 14 anos.

As 18 horas matinée infantil — *Mari-sol, um raio de luz*.

Segunda-feira, 30 — *A papoila também é uma flor*, com Stephen Boyd e Senta Berger — 10 anos.

Terça-feira, 31 — *O jardim onde vivemos*, com Dominique Sanda e Helmut Berger — 18 anos.

Quarta-feira, 1 — *A condessa de Hong Kong*, com Sophia Loren e Marlon Brando — 18 anos.

Quinta-feira, 2 — *Teatro*, com o grupo de Teatro Amador «Os Plebeus Avintenses» que representa «A PRIMA EUGENIA» — 10 anos.

Sexta-feira, 3 — *Ódio velho*, com Charles Bronson e Jill Ireland — 14 anos.

Câmara Municipal de Espinho

AVISO

Nos termos do § 1.º do artigo 28.º e para os efeitos do disposto no artigo 30.º do Código Administrativo, é convocada uma sessão extraordinária do Conselho Municipal para o dia 2 de Agosto próximo, pelas 15 horas, que terá lugar na Sala das Reuniões desta Câmara Municipal e se destina à aprovação de uma deliberação municipal acerca do lançamento de uma derrama para 1974 ao abrigo do artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 173/73, de 16 de Abril, para fazer face a encargos com obras e melhoramentos municipais.

Espinho e Paços do Concelho, 26 de Julho de 1973.

O Presidente da Câmara,

Dr. Manuel Baião Nunes dos Santos

X FESTIVAL DE MÚSICA (VERÃO 1973)

4.º CONCERTO — Recital de Piano

Teresa Vieira

Terça-feira 31 de Julho — às 22 horas no Hotel PRAIAGOLFE

5.º ESPECTÁCULO — Ópera em Concerto

Pelo Ciclo Portuense de Ópera

Maestro GUNTHER AROLEBE

ORFEÃO DA MADALENA

Maestro JOSÉ DE CASTRO

- ▲ ESTABELECIMENTO DE MÓVEIS E DECORAÇÕES
- ▲ ESPECIALIDADES EM MOBÍLIAS DE ESTILO SÉC. XVII



JOSÉ AZEVEDO PERES BIZARRO

Rua 4 n.º 667 - Tel. 921325 - ESPINHO

Subdesenvolvimento, Educação e Cooperativismo

Uma visão, ainda que superficial, sobre o Mundo de hoje, revela-nos que entre os diferentes países há diferenças abismais, desigualdades enormes, sob o ponto de vista sócio-económico. E, muito embora se possa dizer que cada país tem as suas características, as suas potencialidades, os seus recursos, creio não falsear a realidade, dizendo que podemos, contudo, classificar os diferentes povos em duas categorias: desenvolvidos e subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, como preferem alguns mais optimistas. E as diferenças existentes entre estas duas categorias são de tal maneira profundas, que chega, por vezes, a ser difícil acreditar que vivemos todos no mesmo planeta; mesmo mantendo o carácter superficial da nossa observação, constatámos facilmente que, enquanto uns países se encontram decisivamente empenhados na «conquista espacial, alguns até com êxitos definitivos obtidos nesse campo, outros se debatem com graves dificuldades de comunicações internas, dispondo de extensas zonas de território ainda por explorar; enquanto uns, há muito entraram nos segredos da energia atómica e à custa dela desenvolveram as suas potencialidades, outros reconhecidamente agradecem as instalações de luz eléctrica e redes de esgoto com que os seus governantes, pouco a pouco, os vão dotando; enquanto uns adoptaram já um regime alimentar de características higieno-dietéticas, outros permanecem na dieta forçada da fome.

É evidente que muitas são as razões destes fenómenos, e longe de mim a ideia de proceder aqui a uma análise exaustiva do problema. Limitar-me-ei a observar um ponto que me parece importante, qual seja o de focar a maneira de ser e o estado de espírito dos indivíduos de cada um dos referidos grupos.

Por esse exame, que poderá explicar alguma coisa, logo concluímos que o indivíduo pertencente a um país desenvolvido possui um espírito de iniciativa, uma capacidade de acção que não encontramos no habitante dum país mais atrasado; aqui, pelo contrário, predomina o homem amorfo, passivo, conformado com tudo o que o rodeia, esperando que haja sempre alguém que, num plano superior, lhe venha, providencialmente, resolver as dificuldades.

É precisamente por isto que todas as nações subdesenvolvidas que, hoje em dia, procuram recuperar o seu atraso, se têm virado, como tábuas de salvação, para a educação maciça dos respectivos povos, na mira não só de arranjar técnicos competentes e altamente qualificados, mas sobretudo de criarem cidadãos na verdadeira acepção da palavra, homens responsáveis, capazes de agir e de encarar dificuldades.

Só que, nesta autêntica «batalha da educação» tem sido frequentemente esquecido, e até algumas vezes repudiado, um meio que muito poderia ajudar à consecução do escopo pretendido pois poderia actuar como um complemento importantíssimo à formação que ao in-

HOJE

SUPLEMENTO

ELABORADO POR:

AMADEU JOSÉ MORAIS

NUNO BARBOSA

EDUARDO CAMACHO

divíduo será fornecida na Escola. Falo da Cooperativa.

E, note-se, quando falo aqui da Cooperativa, deixo de parte as vantagens de natureza económica que, a curto prazo, ela pode trazer, para me centrar apenas nos feitos formativos e educacionais que ela, necessariamente, insere.

E como vai actuar a Cooperativa nessa sua função?

Pois, todos sabemos que as reformas dos sistemas educativos que têm sido levadas a cabo em muitos países subdesenvolvidos visam, predominantemente, a criação, no aluno, dum espírito activo, prático e eminentemente crítico. Mais do que a quantidade de matérias leccionadas, interessa sobretudo a sua qualidade, de molde a que o aluno fique habilitado a raciocinar em face das mais diversas e inusitadas situações da vida prática que lhe vão aparecer.

E não será essa uma das características inerentes ao ideal cooperativo?

Dentro da cooperativa, o indivíduo habitua-se a enfrentar situações, a ter que actuar, a tomar decisões.

É «obrigado» a conviver, ouvindo as opiniões de todos os outros e formando a sua, tudo dentro dum clima de fraternidade, igualdade e de respeito mútuo.

A cooperativa não traz a polémica, mas sim a construção positiva.

Como diz António Sérgio «feição característica dos cooperativistas típicos é que se não «ficam esperando pela actuação dum chefe, actuam eles, fazem eles».

«Há algo de teocracia, de superstição, de selvático, nesse sempre ansioso por um alto senhor que chefie: e é preciso que se apague do pensar dos homens o prestígio e a magia da palavra chefe», para que os povos possam sair do seu atraso e iniciar o caminho do progresso.

A cooperativa é, em suma, a autêntica «Escola da vida», que poderá contribuir grandemente na construção do «homem novo», condição essencial do desenvolvimento.

A. J. M.

BONS TEMPOS...

POR
EDUARDO CAMACHO

Era pelo ano de mil novecentos e trinta e oito. O major de cavalaria, Trocatintas da Costa e de Peixe-Frito, tinha sido nomeado presidente de uma subsecção da recém-criada Comissão para a Defesa e Preservação da Moralidade e dos Bons Costumes. Para o solene acto de posse havia o guerreiro preparado uma alocução cuja leitura ensaiara de madrugada, frente ao espelho do guarda-vestidos (enquanto a esposa, insensível às glórias maritais, roncava pesadamente no tálamo), e repetia, agora, à luz forte do lustre de um dos salões:

«...A subsecção a que tenho a honra de presidir cabe a nobre missão de resolver o problema candente levantado pelo espectáculo nada edificante que se está observando na maioria (se não totalidade) da nossa faixa litorânea. Questão que se insere no *mare magnum* da problemática da moralidade nacional, e esta, ingente a todos os títulos, foi já equacionada com inexcusável clarividência ao ordenar-se o levantamento hierárquico dos males por ordem de periculosidade, para eles estabelecendo-se as linhas de força onde se articulam as correspondentes terapias, preventiva e repressiva. Donde, pois, a palavra de ordem para a criação da C.D.P.M.B.C.

Assim, em fase posterior a efectivar a curto prazo, se pode prever a ablação pelo cerne do mal que, insidiosamente, corrói as vísceras da comunidade e lhe contamina a flor da nata. Se me for consentido o uso da linguagem do meu ofício, diria que se assiste a um ataque de flanco (*qu'on garde toujours son flanc*, isto é dos manuais) para, em subsequente manobra envolvente, se procurar atingir a totalidade do corpo social. Ataque esse não só observado nas nossas praias mas também o consubstanciado no chamado *fox-trot*, no cinema e na imprensa, cujo veneno, finalmente destilado, logra, não raramente, passar as fileiras da mais apertada vigilância para desaguar no caudal infrene da subversão.

Estes são os meios de que os nossos inimigos se estão servindo. Aqueloutro é o seu sinistro objectivo.

Espera, porém, a subsecção a que tenho a honra de presidir poder realizar trabalho útil e profícuo, embora não desconheça as agruras do caminho, nem tão pouco, a ténpera e a obstinação do adversário, cujos propósitos, não raras vezes, obtêm a adesão inconsciente de cego sector de ingénua que não vê (ou não quer ver?) a aproximação do abismo para onde é conduzido.

A hora é de vigilância e atenção.

Sem embargo, grata é a missão em que esta subsecção foi investida.

Minhas senhoras e meus senhores: Afirmo, com toda a confiança, que é possível morigerar os costumes nas nossas praias, pois, para além do auxílio indispensável da Providência, conta esta subsecção com a inestimável colaboração de pessoal dotado de predicados morais e intelectuais de altíssimo gabarito.

Congratulo-me, pela oportunidade que me é dada de poder ouvir os mais sábios conselhos da boca do muito reverendo cônego Alves Bichano, insigne orador sacro — o nosso Bossuet — no campo da moral. Já no legal, espero seguir atentamente a palavra esclarecida e douta do meretíssimo juiz, Tubarão da Silva Voracíssimo, glória da nossa jurisprudência. *Last but not the least* (que se me releve o anglicismo) esforçar-me-ei por não deslustrar as lições da excelentíssima senhora dona Santana Augusta de Morrinhanha, grande senhora e grande portuguesa, em quem se conjugam harmoniosamente as virtudes da mulher lusiada, no estético.

Talvez por designio do Altíssimo, que não por singular coincidência, ve-

mos, de novo reunidas em sublime cruzada, a cruz, a toga e a espada, sasonadas pela graça feminina.

Sem pretender ser prejudicativo finalizarei por afirmar: o mal, o verdadeiro mal, está nessa obra de Satã, nessa descoberta infernal, nesse novo *mau du siècle* — o *maillot*. A ele, pois! Começaram pela virilha.

Ou por demasiada liberalidade, o que era grave, ou por pura estupidez, o que não o era tanto, pensava de Peixe-Frito, Bichano favoreceu cinco centímetros na perna do calção, contados a partir do eixo da virilha, medida que dona Santola confirmou enquanto que Voracíssimo optava por sete e o major, intransigentemente, exigia sete vírgula nove.

Dona Santola propôs o compromisso, aceite pelo cônego Bichano e pelo juiz Voracíssimo mas o major negou-lhe o provimento. Foram a votos. Com uma voz contra, de Peixe-Frito, a proposta de compromisso foi aprovada por maioria pelo que em acta se exarou que o comprimento da perna do calção contado a partir do eixo da virilha deveria ser de sessenta milímetros.

Depois foram aos peitos. Peixe-Frito propôs não só a cobertura integral de mamilos e esternos de fêmeas e varões como ainda toda a superfície dorsal, sem quantificação métrica. A moção não obteve a concordância de Bichano nem de dona Santola que exigiam, unicamente, protecção e recato da porção peitoral ao passo que Voracíssimo se abstinha Peixe-Frito meditou, antes de postergar o despautério. Olhou de viés para dona Santola em quem, a despeito da idade, julgou entrever, no freir das asas do nariz, o demónio da luxúria. Quanto ao cônego, estava já edificado. Ainda a sessão não havia começado já ele o tinha surpreendido a arrastar a asa à taquígrafa ensinando-a, num recanto, a dançar o *Lambeth Walk*.

Na votação Peixe-Frito perdeu nas costas mas ganhou o peito.

Desceram às nádegas. O militar exigia não só a cobertura dos hemisférios nadegueiros que deveria descair quarenta e quatro milímetros abaixo da linha de demarcação da zona glútea. O juiz Voracíssimo propôs trinta, dona Santola outro tanto e o cônego uns exíguos dois centímetros.

Face à impossibilidade de acordo, Santola alvitrou que se extrahisse a média aritmética dos números propostos, e, em uma folha de papel cedida pela taquígrafa, o juiz fez as seguintes operações:

ATENÇÃO SURDOS DE ESPINHO

Voltar a ouvir é voltar a viver

A CASA SONOTONE estará convosco ao vosso serviço e inteiramente ao vosso dispor na

Grande Farmácia de Espinho

Rua 62 — ESPINHO

no dia 6 de Agosto, das 9,30 às 10,30 horas, onde vos apresentará a mais completa gama de aparelhagem auditiva para adaptação racional a cada caso individual: Óculos auditivos. Modelos retroauriculares, Modelos de bolso, Modelos pérola IV e Miracle VI (usados dentro do ouvido sem fios nem tubos) e os sensoriais modelos populares.

A CASA SONOTONE faculta-vos gratuitamente e sem compromisso exames audiométricos e experiências práticas.

Viaitem-nos na Grande Farmácia de Espinho no dia 6, das 9,30 às 10,30 horas.

CASA SONOTONE — Praça da Batalha, 92-1.º — PORTO

— Poço do Borratem, 33 s/1 — LISBOA



CAMPISMO AQUI E AGORA

Torna-se desnecessário, por demais conhecido, falar acerca dos benefícios que a prática do Campismo pode trazer para a saúde de cada um. O contacto com o ar livre e despoluído, as longas caminhadas desintoxicantes, o estar «unha com carne» com a Natureza, são tributos que tornam a prática do Campismo importante e necessária nos dias de hoje.

Porém, há outro prisma por onde ele pode ser encarado — o Campismo-indústria, o Campismo-pólo de atracção turística. A indústria de Turismo não se faz apenas com Hoteis; os Parques de Campismo tomam aí, cada vez mais, lugar primordial.

Associar a ideia de campista a indivíduo com poucos recursos económicos, que não vai para um Hotel por não ter posses para tal, é sempre, grossa asneira. O campista é um indivíduo que, por este ou por aquele motivo, prefere passar as suas férias à vontade, sem preocupações de indumentárias, horários ou éticas balofas. Daí que proliferem os Parques de Campismo, parte integrante e importante das estruturas turísticas de qualquer terra, em qualquer latitude.

Espinho, como cidade que quer viver, em grande parte, do Turismo, também possui o seu Camping, que não reúne, quanto a nós, de forma nenhuma, condições para satisfazer o elevado número de campistas que por ele passam.

A equipa do «HOJE» resolveu debruçar-se um pouco sobre o problema-campismo em Espinho. Para já, fomos ao nosso mini-parque e falámos com

alguns dos seus frequentadores, aos quais pusemos 3 questões:

- 1—Qual é a sua opinião acerca deste Parque?
- 2—Pensa-se, em Espinho, em fazer um novo Parque. Acha que ele deverá ser perto do mar, embora talvez em condições menos favoráveis, ou relativamente longe dele, inserido em zonas verdes, na parte leste de Espinho?
- 3—É a 1.ª vez que vem a Espinho? Voltará ou não?

Estas são as perguntas. Começámos o nosso pequeno inquérito, ouvindo a opinião de um jovem casal francês, Phillipe e Monique, que nos disseram:

1—Estamos aqui há 2 dias e, pelo que temos visto, não está mal! Tem gente a mais, mas não se está mal. Como coisas que estão pior, bom, há pouco espaço para os carros. Não é suficientemente grande para a gente que tem. É demasiado exiguo. Mas é calmo. As condições sanitárias, enfim, não são más!

2—Bom, quanto a isso, acho que devia ser perto do mar, sem dúvida!

3—Não sei. Em Portugal e em Espanha a vida é muito cara, não sei porque. Talvez por causa do Turismo, não sei. Preferimos, talvez, conhecer outros lugares do Mundo. Como viajamos à boleia, não é difícil.

A 1.ª opinião que recolhemos foi esta. Depois, ouvimos um campista português, o sr. José Manuel Torrão:

1—Estou cá há cerca de uma semana. Acho um parque bastante bom, sossegado, até com bastante nível; quanto a mim, só tem um inconveniente — o movimento da estrada aqui ao pé. As condições do parque, duma maneira geral, são satisfatórias. Aliás, eu pratico campismo há pouco tempo, é o 1.º ano... mas, acho, como disse, as condições bastante boas.

2—Optava pelas zonas verdes, se as há, porque: perto do mar, era óptimo, mas vai-me meter mais dentro do movimento da cidade. Para mais repouso e sossego, talvez a localização ideal seja nessas zonas verdes.

3—Sempre, todos os anos venho para cá! Aliás, eu já passava férias em Espinho, e agora, desde que faço campismo, passá-las-ei sempre aqui no Parque. Para já, é o que tenho projectado.

Esta foi a opinião do sr. José Manuel Torrão. Recolhemos depois o depoimento (?) lacónico e conformado de um cidadão francês, o senhor M. Kafer:

1—O Parque está bem.

2—Penso que aqui está bem, mas, a mudar, isso depende dos gostos. Há quem goste de estar ao pé do mar e outros que gostam de estar sossegados, nos bosques.

3—Já cá vim no ano passado e penso voltar para o ano.

E pronto. Tout-court. Mais não disse o calmo sr. Kafer. Mais uma volta pelo parque e, na poeirenta e desabrigada zona das roulottes, uma opinião predominante, a da sr.ª D. Maria Emília de Pina:

1—Acho que o Parque é pobrezinha, mas gosto dele, não é! Como coisas piores, bom, as casas de banho, as bancas, e sobretudo, pouca sombra, muito pouca sombra.

2—Mais perto do mar.

3—Voltarei, embora o Parque seja fraco.

Dum grupo de 3 rapazes que cozinham o almoço, ouvimos o que pensava António Nogueira:

1—Em princípio, sendo embora o 1.º dia que cá estou, acho que é um dos do Norte que tem condições razoáveis para se poder estar. Como coisas más, aponto a falta de géneros alimentícios, portanto, um bar maior e mais bem fornecido. As instalações sanitárias deveriam ser maiores; há também falta de sombra, mas também não é uma coisa que se possa exigir.

2—Já que não será possível juntar o útil ao agradável, acho que era melhor nas zonas verdes, porque talvez a deslocação não seja muito grande, desde a praia até aí.

3—Já cá tenho vindo imensas vezes, mas é a 1.ª vez que aqui estou acampado. Para o ano voltarei, e até mesmo mais vezes ainda este ano.

Para terminar esta série de respostas, ouvimos um cidadão alemão, o sr. Peter Puchen:

1—É um bocado barulhento, por

O GRANDE AUSENTE



Incompreensivelmente, esta preciosidade não participou no desfile das D. Elviras. Na categoria «Guindastes» deve ser do mais velho do País e... talvez, do Mundo. É nele, em grande parte, que estão depositadas as nossas esperanças da defesa da praia!!!

ESTA AVENIDA...!!!

Ah... a Avenida 8...! o Picadeiro... a Feira das Vaidades! Não, não há dúvida, ela é tudo em Espinho. Aí se consertam casamentos mais ou menos seguros, e namoricos muito, muito inseguros. Aí, de dia para dia, de semana para semana, de mês para mês, se vêem cada vez mais crianças. Ah, Malthus, se tu vivesses hoje, punhas as mãos à cabeça e fugias, tu mais as tuas teorias! Mas, enfim, a Avenida ainda é o único local onde essas crianças podem brincar mais ou menos à vontade; diria até *muito* à vontade, já que as mamãs pouco ou nada lhes ligam. Pudera! Outros valores mais altos se levantam: o «crochet», a cavaqueira, o inevitável corte, não inglês, mas bem português, etc.

Lutas de miúdos, corridas de bicicletas, jogos de futebol, Futebol?! Por falar em futebol, pontapés na Gramática e em coisas mais fofas que a Gramática, insultos, gritos (muitos gritos!) choros, tudo, mas mesmo tudo, lá está!

No Verão, no suave e lânguido Estio (talvez noutros sítios que não cá!) há também, em vésperas de Touradas, frenéticos e plangentes apelos de trompeta para mais uma tarde de marialvismo. E aí é vê-los, a eles, aos marialvas cá da terra, a comprar seus bilhetes de ingresso no «templo» onde, de chapéu à mazantine e bota alta, cevarão seus castiços instintos! Ah, o eterno marial-portuguesismo!!!

E aos domingos? Aí então a nossa Avenida é «passarelle» de desfile de modas: vestidos ridículos, outros menos ridículos, fatos idem, idem, tudo isto acompanhado duma maneira geral, e idênticos recheios...

Recentemente, a Avenida ganhou um novo centro de interesse: para a útil (?) passagem subterrânea para peões. Agora, sim! Agora é vê-los, às dezenas, os «fiscais», ou melhor, os mirones-desocupados, zelando para que tudo corra bem, e inteirando-se do andamento da obra, não se abstendo, como é óbvio, de expender os seus judiciosos e «bem» fundados comentários! Quanta abnegação, quanto altruísmo e amor desinteressado às coisas da terra!

Na Avenida se fazem negócios, contratos divórcios. Aí se conhecem notícias (boas ou más, pouco importa!), aí se chora, aí se ri. A Avenida é o circo, é o retrato, é a barraca de robertos desta terra que é cidade, mas que muito tem que fazer para que seja, *de facto*, cidade, em todo o sentido da palavra.

Infelizmente, repito, infelizmente, a Avenida é o único centro de convívio que temos. Mas... que convívio? Muita coisa há a emendar, muita coisa há a melhorar, muita coisa há a chiar. Espinho tem de ter, merece ter uma vida diferente da «Vida-Avenida». De futilidades, exibicionismos e negações estamos nós cheios. É urgente e necessário termos uma convivência mais real e frutuosa, em contraposição à que se faz na nossa Avenida 8, que não passa duma convivência oca, fútil e estúpida.

Até que tudo isto seja feito, conformemo-nos, e esperemos que melhores dias surjam: continuemos a falar das mesmas coisas e — sobretudo — vamos para a Avenida!

N. B.

44 mm	
30 mm	
30 mm	
+ 20 mm	
124 mm	/ 4
04	31 mm
0	

O cociente apurado de trinta e um milímetros ficou registado em acta.

De Peixe-Frito contra-atacou. Dada a exiguidade das medidas do calção em todo o seu perímetro, mandou moção para a mesa reclamando o uso compulsivo de um saio que, rodando pelos flancos a trezentos e sessenta graus, cobrisse não só o hipogastro como amansasse toda e qualquer protuberância e/ou depressão denunciadora daquelas partes tidas por vergonhosas. Houve reacção, mas a proposta ficou para ser votada no dia imediato dado o adiantado da hora.

Antes de encerrar a sessão, De Peixe-Frito ministrou o seu ralhete: «Este país», disse, «conheceu a glória sem que os seus aborígenes tivessem de curtir a pele ao Sol, antes a conservando castamente resguardada. Por mim, só por conselho médico acho justificável o desnudamento. E com reservas. Sabe-se muito bem de que forma são passados os atestados hoje em dia». Concluiu dramaticamente: «Oh tempora, oh mores!»

A caminho de casa fez a sua contabilidade: Ganhar no peito mas o hipogastro estava tremido. E tinha perdido a virilha e as nádegas. Mentalmente escreveu os seus lucros e perdas:

	Deve	Haver
Nádegas (em milímetros)	31	44
Virilha (idem)	60	77
	91	121
Saldo a favor do inimigo (idem)		91
		30

Trinta milímetros. Três centímetros dados positivamente de bandeja por Bichano a Satanás só para levar os olhos a passear por uma tantas polegadas quadradas de epiderme feminina...

Deu por si a pensar nas pernas da taquígrafa e em Bichano que se preparava para lhe meter o dente. Cheio de sorte! E irónico ainda por cima. «Homem», dissera-lhe, «você parece que quer que as pessoas venham de capote alentejano para a praia!»

Baixou os olhos, deu um piparote numa caixa de fósforos vazia que alguém tinha atirado para o passeio e retomou o caminho.

EDUARDO CAMACHO

estar muito dentro da cidade. As acomodações... são boas. Há algumas árvores, debaixo das quais montei a minha tenda, e não estou mal. De noite é muito calmo. Só de manhã, quando os carros começam a passar, é muito barulhento, o que é muito incomodativo para os turistas.

2—Depende. Poderá ser perto do mar, mas deverá ter muita sombra, porque aqui faz muito calor.

3—Não tenciono voltar cá, porque quero ir para qualquer outro lado. Do que eu não gosto, em Espinho, é de não se poder nadar ou tomar banho a todas as horas; há aquelas bandeiras, amarela e vermelha... e, quanto a mim, quando vou para uma praia gosto de nadar quando me apetecer, claro, desde que veja que tenho condições para tal. Mes-

mo, o mar aqui é muito agitado. Estive antes em Aveiro, e o mar lá é mais calmo; por isso, eu gostei mais.

E pronto. Não tiramos conclusões, pois preferimos que quem lê o faça por si. Da validade ou não-validade destas respostas não nos compete a nós aqui-latar. É certo que o Homem, quando numa terra estranha, e falando com habitantes dessa mesma terra sobre os seus (dela) problemas, tem uma tendência natural para ser «simpático», para «dourar a pilula». Mas não é tudo.

Isto foi o princípio. Brevemente, está nos nossos planos a efectivação duma «mesa-redonda» com alguns dos responsáveis pelo Campismo, em Espinho. Porque o Campismo até é um problema importante.

N. B.

J. PINHEIRO DE MORAIS

MÉDICO

Clínica Geral

Diagnósticos

Consultas com hora marcada

Rua 20 n.º 390

Telef. 920452

ESPINHO

COLÉGIO DE N.º S.ª DA CONCEIÇÃO

CURSOS: Liceal • Ciclo Preparatório • Primário • Infantil •
Iniciação Musical • Artes Plásticas e Decorativas •
Musical com Exames no Conservatório • "Ballet" •

Telefone 920303 - ESPINHO

DR. SECO JULIÃO

Médico

Consultório—Rua 19 n.º 178-1.º Esq.
Telef. 920807às 2.ª 4.ª e 6.ª feiras com hora
marcada a partir das 15 horas**Medicina Laboratorial****DR. VICTOR HUGO**

Rua 19 n.º 178-1.º Esq.—Tel. 920807

VENDEDORGrande Empresa Internacional precisa para a venda de Máquinas
de costura e Electro-DOMÉSTICOS, em Espinho e arredores.

Carta à redacção ao n.º 13

Carlos Matos Viegas

MÉDICO

Clínica Geral

Boca e Dentes

Rua 19 n.º 304-1.º Dt.º. — Tel. 921024

Dr. Aucíndio Valente

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais

RUA 20 N.º 500-1.º-TEL. 921014

Dias: 3.as e 6.as feiras com hora marcada

Precisa-seAjudante de Cabeleireira que
saiba pentear.

Falar:

SALÃO MARIÂNGELA

— Rua 19 n.º 364-2.º Dt.º. —

Espinho (ou pelo Telef. 920994)

PASSA-SEMercearia e Casa de Pasto
num dos melhores lugares
de ESPINHO.

Falar na Avenida 8-1082

Telefone 920415 ESPINHO

**Dr. José Manuel Gomes
de Almeida**

Clínica Médica e Cirúrgica

RUA 19, 364-1.º - ESPINHO

Consultas marcadas pelo tel. 921218

Pinto de MatosMédico Especialista, ex-Assistente dos Serviços
de Ortopedia das Universidades de Lausane
e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

Retomou a ClínicaConsulta com hora marcada às
2.as 4.as e 6.as feiras a partir das 18 h.

Rua 19 n.º 364-1.º - Tel. 921218

ESPINHO

VENDE-SE**CASA TERREA** na Travessa
da Rua 21,

Falar ao lado no n.º 46

VENDE-SECASA de rés-do-chão na Rua 43
n.º 184. Informa António Pereira
Neves — Casa Fogueiro

Av. S. João de Deus — ESPINHO

Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º — Telefone 921 014

Rua Santa Catarina, n.º 778-1.º—PORTO

Telefone 33868

VENDE-SE**Balança decimal romana**
de 1.100 Kg. Estado nova

Falar na Rua 11-734

ESPINHO

VENDE-SEUM TERRENO EM ANTA,
lavrado com água, junto ou a
retalho, com 3.000 m², na
estrada que segue da Guimbra
ao Carvalhal.Falar em esmojães, na casa
do Sr. António Pereira de
Sousa, próximo ao Sr. Viseu.**José Luís F. Barbosa**

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações

Consulta todas as 3.as feiras a
partir das 14 horas, na Policlí-
nica do Dr. Miranda Valente —
Rua 31 n.º 321 — Espinho — Tele-
fone 920689, p. f. marcar consulta.**DR. SEBASTIÃO RIBEIRO**

Médico Especialista

Doenças do Coração

Consultório — Rua 19 n.º 178-1.º
Telef. 920807às Quintas-feiras a partir das 15
horas c/ horas marcadas.**Aluga-se**2 *Armazéns*, sendo um na
Rua 16 n.º 1 081 e outro na
Rua 33 n.º 694 Servem para
retém ou pequenas indústrias.

Falar na:

Rua 33 n.º 400

Telefone, 920221 ou 967347

Joaquim Gomes Pereira

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem
electrónica para verificação de alterna-
dores, Bobinagem de dinamos e moto-
res. Testes eléctricos e Focagem de
faróis.**Garagem Espinho-Praia, Lda**

(Serviço Móbil)

Rua 15 — Tel. 921333 — ESPINHO

Residência Telef. 964194

Em Breve...

III

Rua 16 n.º 868

Tel. 921587 (das 8 às 24 h.)

Tel. 922329 (« 8 às 24 h.)

ESPINHO

Centro de Enfermagem de Espinho

Uma Organização

ao Serviço do

MÉDICO e do DOENTE.

PRECISA-SE**Empregada** - Para stand de
automóveis em Espinho, com
conhecimentos de contabili-
dade e dactilografia.

Resposta á redacção ao n.º 13

Bons EstabelecimentosÀ beira-mar, na esplanada,
junto ao Hotel Praiagolfe,
alugam-se. Falar no local ou
por telefone 92 09 74, das
15 às 18 horas.**FERNANDO SOARES DA SILVA**

MÉDICO

Retomou a Clínica

Consultas às 2.ª 4.ª e 6.ª a partir das 16 horas

hora marcada

Consultório: Rua 19 n.º 364-1.º Esq. — Telefone 921218

SNACK BAR S. PEDRO

RESIDENCIAL PORTO

Aberto toda a noite com cozi-
nha permanente

1.ª Classe

Telefones 920294 - 920391 - Ângulos das Ruas 8 e 25

ESPINHO

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

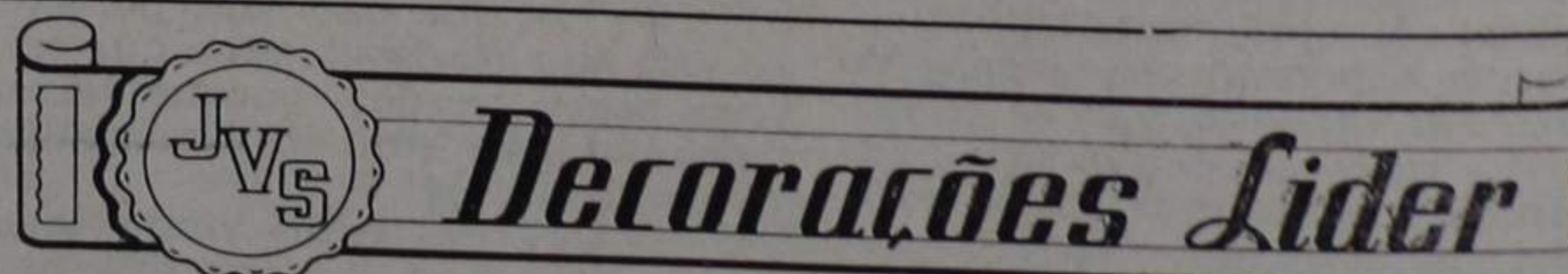
ESPINHO

Amadeu J. Morais

CANDIDATO A ADVOCACIA

ESCRITÓRIO:

Rua 62-n.º 175 — ESPINHO

CONSULTAS ÀS — 2.ª 4.ª 5.ª das
17 às 20 horasTAPETES • ALCATIFAS
CARPETES • PAPÉIS DE
PAREDEDE JACINTO VALENTE DOS SANTOS
Rua 18, 991 • Telef. 920723
ESPINHO

GRANDE CASINO DE ESPINHO

ONDE O
NORTE
SE
DIVERTE!



• **MÚSICA DE BAILE** •

Pelos apreciados Conjuntos de

JOSÉ QUELHAS-TONY SAMPAIO
e LOS WINDY'S (*espanhol*)

• **VARIEDADES** •

BAILLET ESPAÑA 70 Y . . .

Bailados modernos espanhóis

LENITA GENTIL

e o bailado acrobático

RUY AND SUNNY

NO SALÃO DE FESTAS

Matinéas Dançantes (M 6 anos)

Aos DOMINGOS às 16 horas com o

QUARTETO TONY SAMPAIO
SLOT - MACHINES

• **CINE-TEATRO** •

SESSÕES TODOS OS DIAS

CUBOBÁS

(Receptentes eléctricos para o lixo)

Distribuidores no Distrito de Aveiro
Décio da Costa Lemos & Filhos, L.^{da}

Rua 14, 804

ESPINHO

TRAQUINA

DE
LEMONS & SOARES, L.^{DA}

Rua 16 N.º 533

Tel. 920569

ESPINHO

TUDO PARA O BEBÉ

CONFECÇÕES
MALHAS
HIGIENE INFANTIL
BAZAR



Fábrica
de
Artigos
de
Celuloide e
Plásticos

LUSO, CELULOIDE

de

Henriques & Irmão, L.^{da}



APARTADO 22

TELEFONE 920070



E S P I N H O



**Quando vir este símbolo,
então saberá que pode
contar com um Serviço
Bancário completo.**

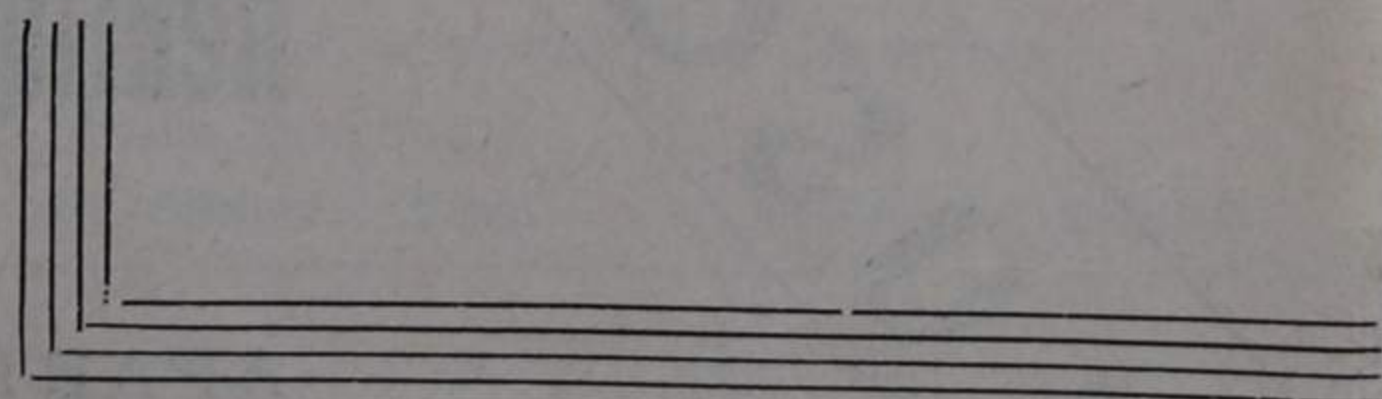


BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

C O R F I



**Duas Organizações
o mesmo Prestígio!**



C O T E S I

desporto

ORIENTAÇÃO DE
ROLANDO DE SOUSA

A Académica de Espinho

VAI PRATICAR O BASQUETEBOL

Sob este mesmo título, o «LITORAL», valioso semanário da cidade de Aveiro, publicou no seu número de 6 de Junho deste ano uma notícia do sr. Manuel Boia, de que, com a devida vénia, transcrevemos a sua quase totalidade: «...começo por respigar a seguinte frase proferida por um director da Associação Académica de Espinho:

«Vai surgir agora um problema... é que o Clube criou a secção de basquetebol! Vai ser mais um problema, já que em Aveiro também há basquetebol!...»

Ora, esta actividade da A.A.E. não me surpreende. Sabia que, pelo Fundo de Fomento do Desporto, haviam sido oferecidas duas excelentes tabelas para o seu pavilhão e muito bem andaram os dirigentes em aproveitarem tão grande benefício, para entusiasmar os miúdos da terra por uma modalidade, que não é a «minha», mas que, indiscutivelmente, é espectacular e atraente.

No entanto, já não posso concordar de forma alguma, em posição similar a outras anteriormente tomadas, com o rumo «corográfico» — como diz o Sr. Tente Joaquim Duarte — que os mesmos directores querem dar à filiação da sua nova secção.

Tal como no Hóquei em Patins, também o Basquetebol tem valor e um número de clubes razoável no Distrito, não havendo qualquer razão para a atitude que teimam em procurar seguir.

Por exemplo, o último Campeonato de Basquetebol de Aveiro de Iniciados reuniu dez equipas. Então, de Espinho, será longe virem jogar a Ovar, a S. João da Madeira, a Cucujães ou, brevemente, a S. Paio de Oleiros, dado que estas provas são normalmente divididas em duas séries?

Mas, mesmo que seja defrontar os Galitos ou o Beira-Mar, aqui em Aveiro, isso não me parece ser incómodo de maior para ninguém, que, em contrapartida,

poderá «ver» no bairrismo e na rivalidade entre todas as colectividades do nosso Distrito uma riqueza inegável e um bem para as competições.

Lanço, assim, mais um alerta — este para um problema fulcral de uma modalidade rica de bons pergaminhos na região e que se deseja difundir por novos centros, principalmente naqueles, como Espinho, onde a cultura e a demografia são de nível bem positivo.

O contrário conduziria, de imediato, a reacções de abandono e a atitudes de total indiferença, que só arrastariam o Desporto Distrital, que é eclético, mas é pobre, para um nível mais pobre ainda.

Conscientemente, continuo a proclamar: a UNIDADE DO DESPORTO DISTRICTAL e uma aliança, um princípio sagrado.»

— x —

Pelo que conheço da actividade do articulista, posso concluir que se trata de uma pessoa persistente e optimista. Persistente porque não desiste facilmente das suas opiniões, negligenciando por completo as ideias e as convicções dos outros. Optimista porque vê sempre em grande, como se verificou numa entrevista dada por ele a «O Comercio do Porto» em 27 de Novembro de 1972, na qual traçava um panorama magnífico do futuro do hóquei em patins no âmbito da Associação de Patinagem de Aveiro, a cuja Direcção então presidia. Tão optimista é que, na altura dessa entrevista, admitindo que em breve trecho seriam espectaculares os resultados da actividade da A.P.A., nos falava em 14 clubes filiados, que já se dedicavam, que já se tinham dedicado ou que se iam dedicar à modalidade... E tudo isto especialmente para ressaltar a sua não concordância por a Académica de Espinho, mercê de um despacho SUPERIOR

que tem tanto de justo como de lógico, continuar a filiar-se na Associação de Patinagem do Porto, a que pertence desde aqueles tempos em que ainda não tínhamos sido campeões do Mundo...

Mas, na sua persistência e no seu optimismo, o sr. Manuel Boia, determinado em levar «a brasa à sua sardinha», só nos apresenta coisas agradáveis e esquece as desagradáveis (que são talvez ainda mais verdadeiras que aquelas). Ele fala-nos no «número de clubes razoável no Distrito» de Hóquei em Patins e Basquetebol mas nem sequer aflora «o número de clubes irrazoável no Distrito» de Andebol. Ao pôr hipóteses de deslocações de Espinho a Aveiro diz que isso lhe não «parece ser incómodo de maior para ninguém», porque não é ele quem tem que se deslocar. Ele «vê» no bairrismo e na rivalidade das colectividades «uma riqueza inegável e um bem para as competições», como se isso fosse efectivamente útil ao desporto e a maior mola do seu desenvolvimento. Ele sublima a UNIDADE DO DESPORTO DISTRICTAL ao ponto de o considerar não só «uma aliança» mas também «um princípio sagrado», esquecendo que uma são as divisões administrativas e outra as divisões desportivas, que gravitam num mundo estranhamente diferente e com implicações em tudo diversas.

Compreendemos a óptica aveirense (mais cidadina que distrital) do sr. Manuel Boia, mas, porque sofremos na carne a dureza dos factos, considerámo-la distorcida e irreal. De resto não conseguimos perceber porque é que as colectividades de Espinho deixarão de, com os seus hipotéticos êxitos, prestigiar o seu Distrito se porventura (como o sr. Manuel Boia também temos direito a basear-nos em hipóteses) amanhã vierem a participar nos Campeonatos da Tasmânia.

C. P. M.

SPORTING CLUBE DE ESPINHO

Na próxima terça-feira, dia 31 de Julho, realiza-se um jantar de amigos do Clube, tendo em vista debter o futuro da secção de futebol em novos moldes, de modo a tornar possível um «grupo» de primeiro plano, ao nível da Cidade.

Espera-se que desta «Mesa Redonda» que não o é, até porque está cheia de «bicos», saia uma nova Direcção para o S.C.E., com um «programa» diferente e realista.

É chegado o momento de os sportinguistas mostrarem o seu amor e o seu entusiasmo, encontrando nesta altura decisiva para o clube a melhor solução.

HÓQUEI EM PATINS

Na 1.ª jornada da Taça «Edgar Soares», para seniores, competição que serve para manter as equipas em actividade durante o interregno do «metropolitano», proporcionado pelo «européu» da modalidade, a A.A.E. perdeu com o Valongo por 8-1.

Automobilismo

A Secção de Automobilismo da A.A.E. levará a efeito nos dias 28 de Julho (atrás da igreja), e em Agosto, nos dias 11 (no Aero Clube da Costa Verde) e 19 (junto à Escola Industrial).

Estará em disputa o II TROFÉU PINTO FERNANDES, em ouro, do qual sairá vencedor o concorrente que no

ALCOBIA TREINADOR DO G. D. CORFI/COTESI

O nosso conhecidíssimo Alcobia, conforme noticiámos no último número, estava a ser pretendido e tinha hipóteses de ficar nesta cidade. Ora, dado que não era no Sporting... branco é galinha o põe!

Alcobia, que estava já a um passo de ser o treinador do G. D. da Corfi/Cotesi, fechou já contrato e dirigirá o grupo fabril na próxima época. Aliás, não tendo conseguido os seus propósitos, o G. D. da Corfi/Cotesi, envida, novamente, todos os esforços para se reforçar, de forma a alcançar o plano desejado.

conjunto das três provas totalizar menor número de pontos.

Em cada prova serão atribuídos os habituais prémios destas competições automobilísticas, efectuando-se a distribuição dos equivalentes às duas primeiras provas, na sede da A.A.E., realizando-se a da última no Salão Nobre do Grande Casino de Espinho, conjuntamente com o troféu em ouro

BASQUETEBOL NA A.A.E.

Aos sábados de tarde, das 15 às 18 horas, a juventude espinhense vai passar a ter oportunidade de se iniciar nas práticas da bellissima modalidade que é o basquetebol, pois a A.A.E. acaba de incluir o desporto da bola ao cesto no seu ecletismo desportivo, principiando por fazer escola entre a massa jovem no seu magnífico pavilhão gimno-desportivo, aliás bem apetrechado para a referida modalidade.

Assembleia Geral do SPORTING CLUBE DE ESPINHO

Prosseguiu no passado dia 24 do corrente a Assembleia Geral do Sp. de Espinho que no dia 16 havia sido interrompida, nomeadamente por falta de apresentação de uma lista de Corpos Gerentes para Eleição.

Por impedimento do Sr. Alberto Barbosa, vice-presidente em exercício, foi convidado para presidir à Assembleia o Sr. António Alberto Alves.

No respeitante à alínea a) da ordem dos trabalhos (eleição dos Corpos Gerentes) mais uma vez se verificou a impossibilidade de apresentação de uma lista para sufrágio que garanta o bom andamento do clube na época que se avizinha a passos de gigante, especialmente no que se refere à actividade mais importante do clube: Secção de Futebol. É lamentável que isto aconteça pois, nesta altura, já quase todos os clubes estão prestes a iniciar os seus trabalhos de preparação. O membro do Conselho Geral do Clube, Sr. Virgílio Lacerda anunciou que talvez no próximo dia 2 de Agosto seja possível que tudo esteja resolvido. Esta informação foi dada com muitas reservas. Ressalta à vista que continua a ser muito difícil formar o elenco. Atravessa-se um momento grave da vida duma colectividade que tem já quase 60 anos de existência. Um clube com uma situação financeira, que podemos considerar desafiada, com sede social numa cidade com mais de vinte e um mil habitantes (embora não possua mais do que 2500 a 3000 sócios!) não pode atravessar uma crise directiva deste calibre. Há muita gente que fala, que critica, que se insurge contra todas as direcções, mas nos momentos decisivos em que o seu esforço lhes é solicitado esquivam-se e apresentam desculpas de toda a ordem para não assumir a responsabilidade de tomar assento nos cargos directivos do clube. Tenhamos esperança que tudo se venha a resolver a contento de todos mas o que já é um facto é que partimos para o «Campeonato» tremendamente atrasados.

Seguiu-se a discussão e aprovação do Relatório e Contas.

Apesar de algumas falhas que foram apontadas, ficamos com a sensação de que o clube foi, nesta gerência, excelentemente dirigido. A atestá-lo está a maneira pronta e concisa com que o Presidente do Clube, Dr. Ferreira de Campos respondeu a todas as dúvidas que foram postas pelos associados. Sintoma de que todas as atitudes tomadas foram devidamente ponderadas antes de decididas. Houve falhas como não podia deixar de ser. Mas essas falhas são perfeitamente admissíveis numa equipa de amadores que não tem atrás de si uma organização de Secretaria profissionalizada e devidamente estruturada.

Na alínea c) da Ordem dos trabalhos foram postas várias questões das quais nos apraz destacar as seguintes: a aprovação da proposta que elimina a limitação de tempo para discussão de assuntos de interesse para o clube e aquela que aprovou a proposta de voto de muito louvor para os atletas da Secção de futebol Meireles e Teixeira. Atitudes como as que tomaram estes dois atletas são dignas do maior aplauso de todos quantos andam ligados à vida do clube.

Para terminar é justo salientar a maneira brilhante como decorreu a Assembleia e como foi superiormente dirigida pelo Sr. Alberto Alves.

BANCO PINTO DE MAGALHÃES
O SEU BANCO
PORTO LISBOA
AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

RASCUNHOS

Há dias recebi de um rapaz que desde antes do último Natal presta serviço militar obrigatório em Moçambique um aerograma de que não resisto a transcrever o seguinte passo: «Foi com imensa alegria que cá recebi o nosso jornal, onde verifiquei que tudo corria às mil maravilhas e que a nossa cidade se encontrava em festa. Devo dizer-lhe que um moço de Guetim que se encontra isolado no mato me pediu para eu lhe mostrar o jornal. Enviei-lho então para ele ler. Sabe o que obtive por resposta? Que chorava ao ver e ler aquele jornal, pois nunca tivera uma foto de Espinho desde que cá se encontra e este número lhe fizera recordar muitas coisas».

Ignoro o nome do soldado nosso conterrâneo que nas suas lágrimas tão sinceramente exprimiu as saudades da sua terra. Possivelmente nem o conheço pessoalmente. Será mais uma daquelas caras com que me cruza frequentemente mas nem sequer fixo na memória. Referir-me a ele é referir-me a um anónimo. Um anónimo que representa tantos outros que circunstâncias idênticas ou diversas afastaram do convívio da família, dos amigos, dos ambientes em que se criaram e fizeram homens. Um anónimo que não esquece a sua terra. Um anónimo que não tem vergonha de afirmar ter vertido lágrimas de saudade. Um anónimo para quem vai desta sua e minha terra um sincero aceno de simpatia.

Só quem por largo tempo se afasta do local normal onde vive pode avaliar quanto custa privar-se da companhia dos seus, modificar os hábitos enraizados, deixar de circular pelos locais do costume, não ver rostos conhecidos. Qualquer notícia que então recebe dessa sua terra longínqua é um lenitivo para a sua saudade, um remexer de recordações quantas vezes amargas, um reavivar de lembranças algumas vezes agradáveis.

Até os menos sensíveis a estas coisas do sentimento não fogem ao apego à terra de onde são oriundos. Um meu amigo há largos anos radicado no Brasil, que é um espírito activo e prático, dizia-me em carta enviada de São Paulo: *Devo ter sabido da notícia da elevação de Espinho a cidade quase ao mesmo tempo que vocês aí. Um jornalista meu amigo telefonou-me logo que a agência ONI transmitiu a notícia. Como isso já era esperado, diversos amigos se interessaram em saber em primeiro lugar a notícia oficial, pois o primeiro a me contar ganhava uma garrafa de uísque. Perto de São Paulo tem uma pequena e tradicional cidade chamada Itu. Os naturais de lá são uns exagerados. Tudo lá é melhor e maior. Os meus amigos dizem que eu sou do Itu de Portugal».*

Será que nós, os que continuamos a viver aqui, com maior ou menor comodidade, somos dignos de alinhar ao lado de quem assim chora ou exagera?

C. P. M.

POSITIVOS & NEGATIVOS

Assinale-se, com satisfação, o facto da rua 26 estar, finalmente, a sofrer o devido arranjo, numa obra que desde há muito se impunha.

Aliás, esperemos que o arranjo desta rua da nossa cidade seja o prelúdio das obras de renovação da maioria das artérias espinhenses, pois, sem sombra de dúvida, encontram-se em estado calamitoso, nalgumas mesmo caótico, que só quem anda de automóvel se apercebe bem, notando com evidência as montanhas russas que por aí existem.

Ao mesmo tempo que se rectifica ou renova o piso das ruas, e esperemos que as obras a fazer o deixem impecável (oxalá que o sistema utilizado seja igual ao que temos visto ultimamente no Porto, apontando o exemplo da rua de Santo António naquela cidade), ficamos na esperança de que se cortem aos passeios, atentas as necessidades impostas pelo trânsito actual.

A rua 26 é, apenas, o começo do muito que se tem a fazer, porém não esqueçamos as artérias de maior movimentação, também as de entrada e saída da cidade, que merecem a primazia e, nesse caso, está a rua 19, que continua a ser o coração da cidade, a exigir o arranjo do piso, o tal aproveitamento de um naco de cada um dos passeios, para já não falarmos nas duas faixas de rodagem, com um ajardinado ao meio, ideia que tornaria a referida artéria mais bela, todavia agora prejudicada, perante o facto de na sua maior extensão a rua 19 ter unicamente sentido descendente.

Aplaudamos a nova rua 26, mas que o exemplo frutifique com a continuidade e urgência requeridas.

★

O problema dos lixos nesta, ou noutra terra, é um bico de obra, segundo o que diz quem está dentro da matéria.

Acreditamos que assim seja, como estamos perfeitamente convictos de tudo isso se basear em carências ou condicionais de origem material, a impedirem a existência das devidas estruturas, filiadas em material humano e do outro nas quantidades necessárias.

Por exemplo, ultimamente temos tido ocasião de verificar que o levantamento dos lixos caseiros se faz, em algumas artérias, tardiamente, a ponto de, quando lá passa o carro, haver recipientes entornados e detritos espalhados que, depois, ficam, porquanto quem levanta os lixos apenas se preocupa no despejo dos referidos recipientes no veículo.

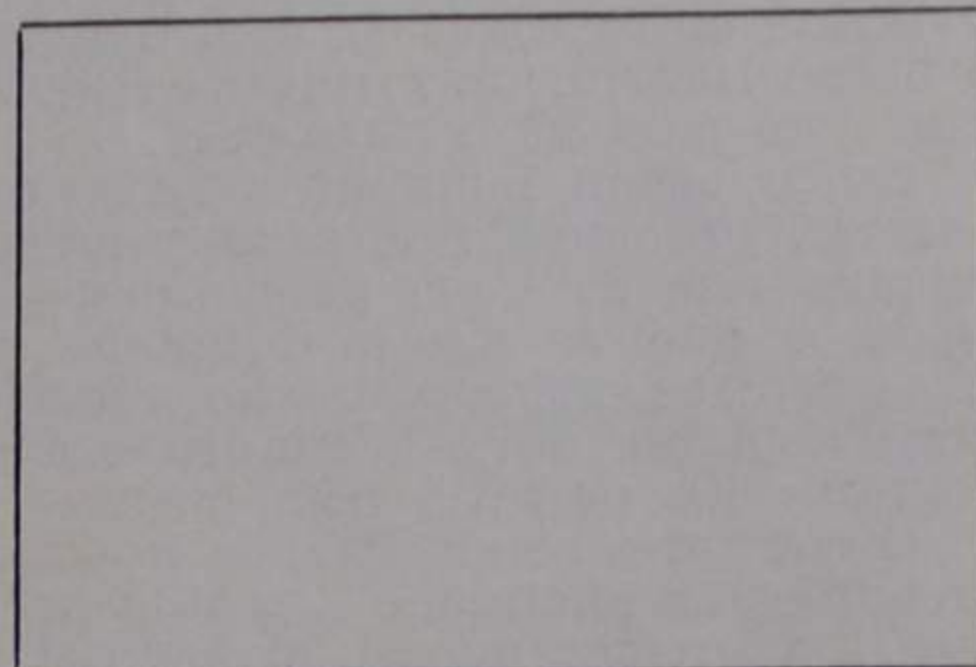
Um dos pontos onde temos dado, várias vezes, conta das horas tardias na recepção dos lixos é a rua 7, artéria de grande movimento, via de acesso e saída da cidade, como para a praia e parte baixa-turística de Espinho, onde à 1 hora da tarde vemos os recipientes por despejar, alguns virados, numa situação que não pode admitir-se, com o inconveniente do Sol e calor a terem influência negativa sobre os detritos em decomposição.

Dentro dos condicionais existentes, há que ter em atenção os aspectos focados, nada consentâneos com uma cidade-estância-balnear-turística.

SALPICOS

EM FOCO

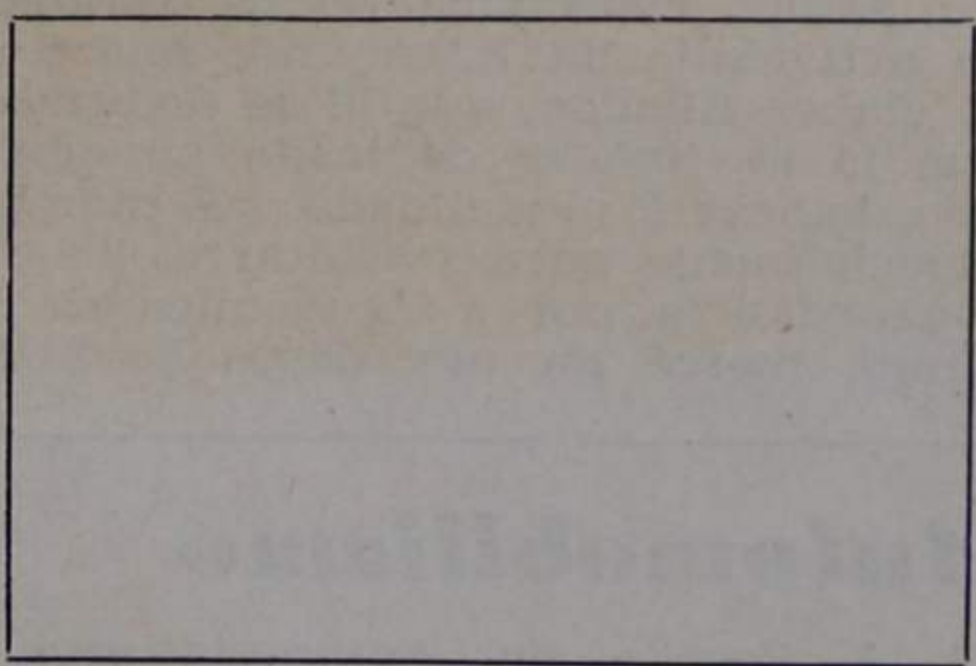
Reportagem «fotográfica» de BANZÉ



O excelente, e bem dotado, posto de vigia de socorros a náufragos, cerca da Praia da Seca, para servir a actual grande zona de concentração de banhistas



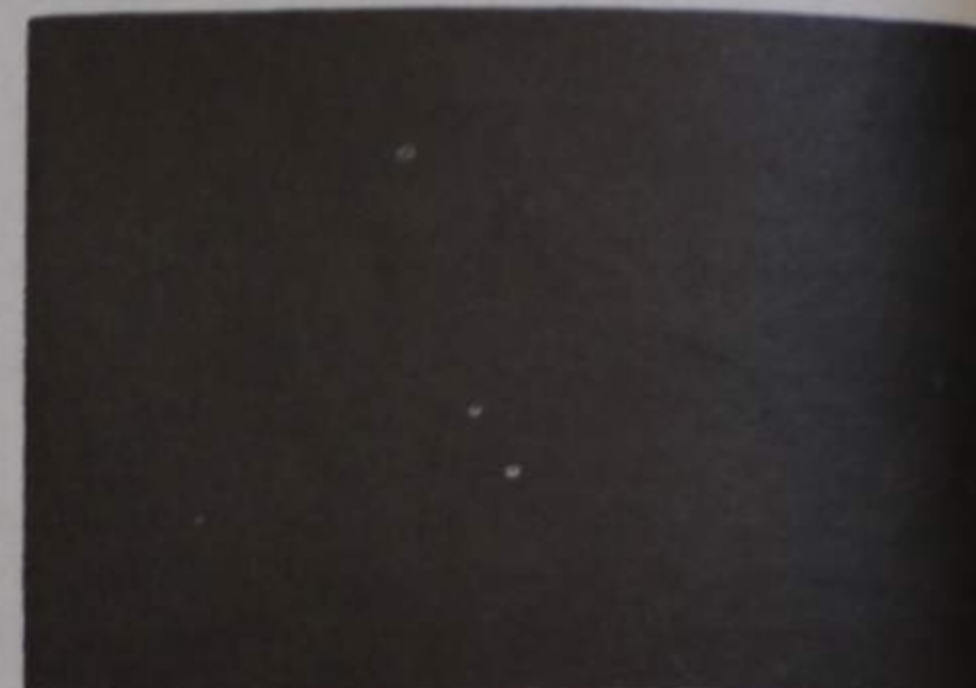
Prosseguem no ritmo veloz, que a gravura documenta, as grandes obras de remodelação das estações da CP e VV.



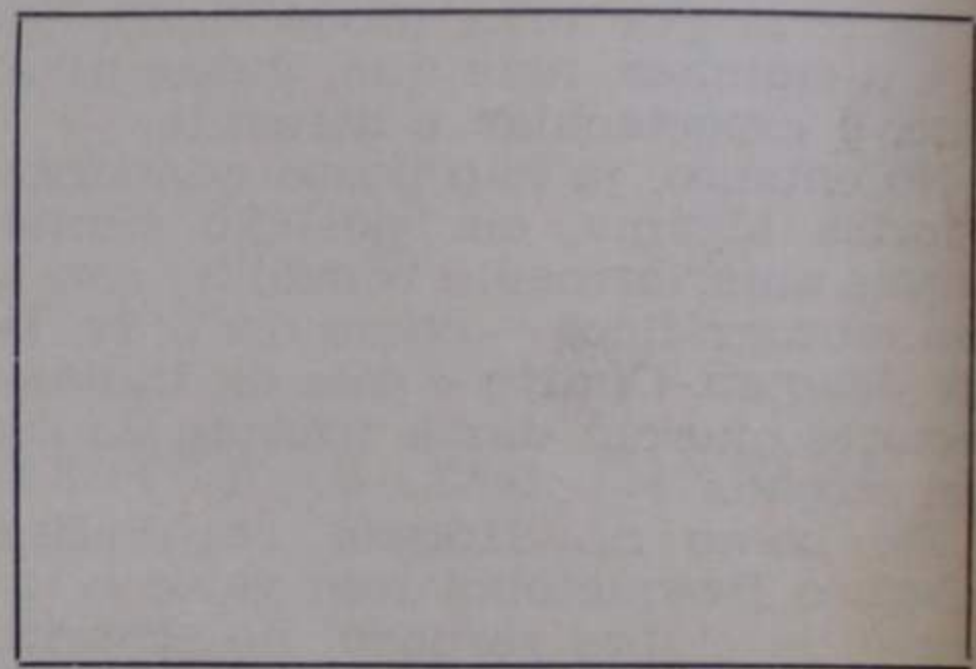
Panorâmica geral da nova zona verde local, a inaugurar breve, com recreios, piscinas e outros recintos para crianças.



Maqueta do futuro lar para pessoas de idade, cuja construção e manutenção, se ficará a dever à benemérita e altruísta A. M. E. (Associação dos Milionários de Espinho).



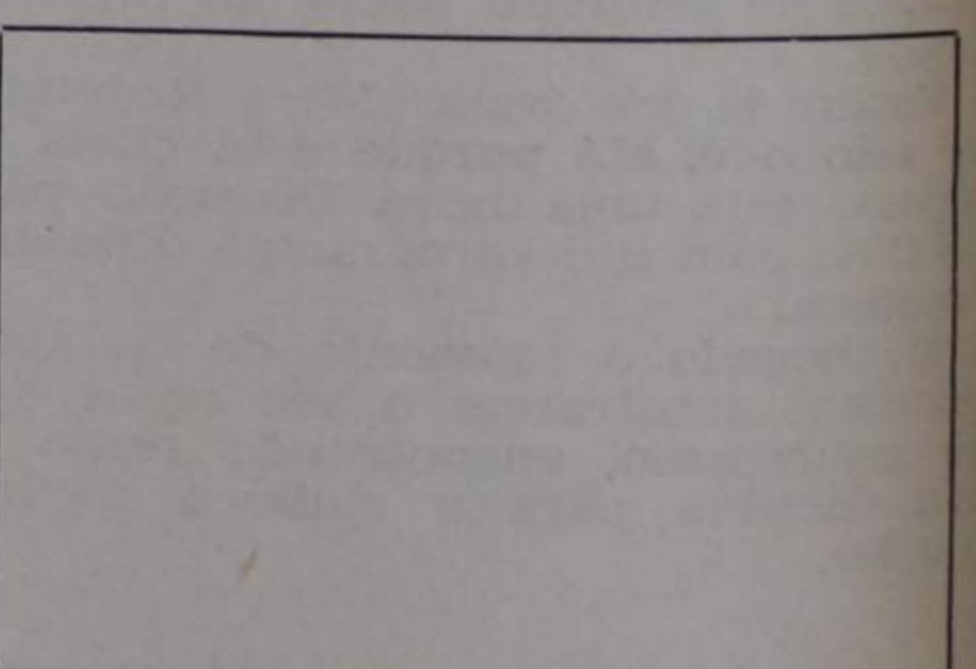
Frente à sede do Sporting Clube de Espinho, aglomerou-se esta grande multidão de associados, que acorreram céleres e espontaneamente para, de entre eles serem escolhidos os futuros Corpos Gerentes do Clube



Aspecto do alegre banquete de confraternização, que os empregados de comércio ofereceram a patrões e entidades, reconhecidos pelos novos horários.



Eis um dos cartazes espalhados por aí, contendo a lista de artigos de primeira necessidade que baixaram, substancialmente, de preço.



Resultado radiográfico do exame cerebral, feito ao autor de certa reportagem sobre Espinho, no intuito de se saber se tinha massa cinzenta

DEFESA DE **ESPINHO**

SEMANÁRIO

AVANÇADO

À
Câmara Municipal de Espinho

ESPINHO